



Karina Ventura

Colégio Universitário

1ª Série - Ensino Médio

Pernambuco, 16 de agosto de 1976

Querida Lizie,

Ontem à noite, ao passar os meus olhos pelo o dicionário com que você me presenteou, me deparei com uma palavra comum, porém dolorosa: saudade. Fiquei tão intrigada que pedi ao meu pai que fosse à biblioteca pública e procurasse mais sobre ela para mim. Sabias que a saudade é uma palavra exclusivamente brasileira? Não há outra palavra no mundo como o mesmo significado, a mesma melancolia, a mesma nostalgia, o mesmo desejo. Carregando tanta exclusividade e, ao mesmo tempo tanto significado, tornou-se uma das minhas palavras favoritas, pois sei como essa dor pesa no coração.

Sinto saudade dos seus olhares, dos seus sorrisos, dos seus questionamentos. Lembro-me bem de um específico, que tu me fizeste na calada da noite, enquanto tentávamos dormir: “Como você vê o futuro?”. Você, com tanta visão sobre o mundo, tanta esperança, tantos amores, era incomparável comigo, que não pude nem te responder. Senti inveja, ciúme, pois naquele momento percebi que você não era só minha, mas sim do mundo. Sendo sincera, eu não via futuro algum, não dava a devida importância. Quando me questionou novamente, me irritei e demandei que me deixasse em paz. Estava tão absorva nas minhas ilusões, que, ao me ser cobrada uma resposta, descontei em você a minha frustração. Lizie, eu via o meu futuro exclusivamente com você nele, vivendo ao seu lado, fazendo-lhe companhia pelos anos seguintes. Eu o via de forma linda, colorida e junto a ti. Eu sei que isso que sinto é proibido, que vivemos em uma época de censura, mas a mais pura verdade era que o meu futuro só existia quando você existia.

E foi por isso que, ao ver as fotos do seu corpo no jornal, a minha vida se esvaiu. Você sempre fora militante contra esse governo, eu sabia, mas ainda assim rezava aos céus que não chegasse a esse ponto, no qual iria perder o meu grande amor. Que eu iria perder o meu futuro.

Agora, sete anos após a sua morte, posso responder a sua pergunta. Eu vejo o meu futuro longe da censura, da morte, da ditadura. Eu vejo um futuro onde Célias podem amar as suas Lizies. Eu vejo a liberdade.

Com saudade, Célia.